

**Paula Ribeiro**

Mestranda em História Social - PUC/SP

# Multiplicidade Étnica no Rio de Janeiro

Um estudo sobre o 'Saara'

A maioria dos estrangeiros residentes no Rio de Janeiro procuram se estabelecer em bairros onde predominem numericamente seus patrícios. Assim se formam bairros de fisionomia singular no panorama urbano.

Fomos visitar o bairro sírio na rua da Alfândega, pedaço do Cairo transportado ao seio da metrópole brasileira... um aspecto bizarro, pitoresco, único, impressiona de pronto.

Lojas minúsculas, verdadeiros arsenais de bugingangas... fazendo lembrar as

ليعت

ruas das cidades árabes... Os

estabelecimentos pequenos e acanhados não revelam o gosto que preside o comércio moderno.

E a língua que ali predomina não é o português. É o árabe.

*Diário de Notícias*, março de 1933.

## PROJETO MEMÓRIA DO SAARA

O espaço conhecido hoje como Saara,<sup>1</sup> localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, em uma área protegida pelo corredor cultural da prefeitura, é composto por 11 ruas,

1.250 estabelecimentos comerciais e é sinônimo, para os cariocas, de comércio popular e mercadoria barata.

No entanto, no início deste século essas ruas já eram ocupadas por imigrantes de origem portuguesa que comercializavam, principalmente, no ramo de atacado de tecidos e gêneros alimentícios.

A posterior ocupação por imigrantes de origem semita — libaneses, sírios cristãos e judeus do Oriente Médio e Europa Central — introduz novos hábitos, mer-

cadorias e formas de comercializar na região. A entrada dos imigrantes chineses, na década de 1960, e mais recentemente dos coreanos, altera mais uma vez o Saara, tanto do ponto de vista da ocupação quanto do comércio. Essa heterogeneidade étnica e a singularidade deste espaço lhe conferem uma marca única na cidade.

O Projeto Memória do Saara, constituído por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, ligados às linhas de estudos da etnicidade e cultura urbana da Coor-



Interior de loja de especiarias no Saara. Rio de Janeiro, 1996. Arquivo CIEC/UFRJ.

denação Interdisciplinar de Estudos Culturais - CIEC/Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisou, fotografou e filiou esta região muito pouco estudada no contexto da história da cidade.

As referências documentais e iconográficas do local são bastante escassas, assim como poucos são os relatos de cronistas e memorialistas. A ausência de estudos quanto aos grupos étnicos que ali se estabeleceram e a falta de uma memória organizada desses grupos — que pouco registraram e preservaram sua história — criaram uma grande lacuna sobre o tema.<sup>2</sup>

A pesquisa da história do Saara baseou-se, prioritariamente, nos relatos dos imigrantes, suas histórias de vida e trajetórias. A utilização da história oral como fonte documental permitiu conhecer aspectos do cotidiano do Saara sob um ponto de vista mais afetivo e individual, "incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas".<sup>3</sup>

Por meio das entrevistas, apreende-se a importância do Saara para os que ali se estabeleceram e a memória que compartilham deste espaço. Podemos dizer que as narrativas encontram 'pontos de apoio' umas nas outras, atestando a afirmação de Maurice Halbwachs para quem a memória é vista como um fenômeno social, e que, ao rememorarmos, "nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos" e nos situamos "em uma ou mais correntes do pensamento coletivo".<sup>4</sup>

Gravados e transcritos, esses depoimentos constituem um material de grande riqueza sobre a história da imigração no Rio de Janeiro e focalizam, num contexto social e cultural próprio, o Saara.

O resultado dessa pesquisa foi incorporado ao acervo permanente do Núcleo de Documentação da CIEC.<sup>5</sup>

### SÍRIOS E LIBANESES NO SAARA

Para abordar a questão da construção da identidade cultural do Saara e a definição de seus elementos, é necessário que se entenda este espaço como possuidor de tradições culturais múltiplas, composto por uma coletividade que se mantém através de uma "... *tradição viva* conscientemente elaborada que [passa] de geração para geração, que [permite] individualizar ou tornar singular e única uma comunidade relativamente às outras".<sup>6</sup> Cada grupo étnico que ocupa o Saara possui uma cultura própria, perpetuada pela construção de uma memória que lhe permite diferenciar-se e tornar-se único. E é esta memória que faz com que os grupos se relacionem uns com os outros e construam a memória coletiva do lugar.

Apesar do Saara ser visto como um 'espaço árabe'<sup>7</sup> na cidade, homogêneo na sua formação, a presença de imigrantes sírios e libaneses cristãos e de imigrantes judeus *sefaradim* (oriundos do Oriente Médio) e *ashkenazim* (vindos da Europa Central e Oriental) configurou um Saara de unidades e diferenças.<sup>8</sup> Aparen-

temente, os imigrantes de origem árabe e os de origem judaica não se diferenciavam. Por ocuparem o mesmo lugar e nele terem criado uma estreita rede de relações sociais e comerciais, são vistos, de modo geral, como membros de um mesmo grupo. A interação entre eles que, a princípio, poderia ser vista como "competitiva e conflituosa" é, ao contrário, "componente essencial para o processo de formação e de definição" do espaço Saara.<sup>9</sup>

Os judeus não devem ser analisados apenas sob o prisma da religião mas, sim, pela diversidade de línguas, de costumes e, até mesmo, de origens. Possuem, no entanto, uma identidade própria, que se denomina identidade judaica, que imprimiram ao local e que os distingue.

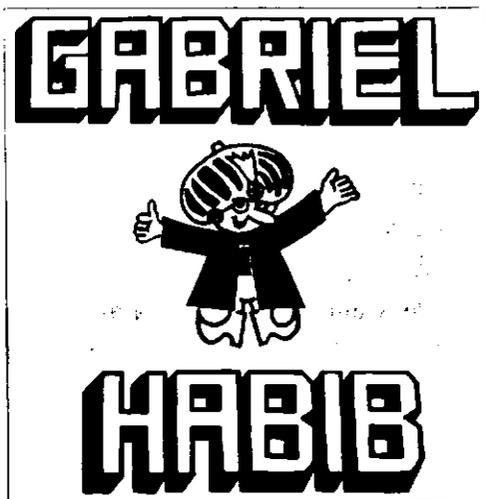
Os imigrantes de origem síria e libanesa também possuem traços culturais diferentes, e imprimiram ao local marcas que ali se perpetuaram. Na sua maioria são cristãos, mas se diferenciam entre maronitas e ortodoxos; em menor número, os católicos melquitas e os muçulmanos. A presença de outros imigrantes, como os armênios, os gregos, os espanhóis, associada aos de outras culturas, fazem do Saara um espaço diferenciado e de multiplicidade étnica no Rio de Janeiro.

É interessante notar, no entanto, que, apesar das diversidades e das adversidades 'tradicionais' entre árabes e judeus, eles tendem a se reunir e a agir conjuntamente naquele espaço. As dife-

renças são 'negociadas' e eles se apresentam como um grupo único e homogêneo diante da sociedade e, mais especificamente, junto aos novos grupos de imigrantes que ocupam o Saara. Daí deriva uma identidade étnica do lugar, baseada não apenas na idéia de demarcação de um espaço na cidade, mas também buscando uma unidade de interesses comercial e cultural, para preservar seus valores étnicos.<sup>10</sup>

Criam, como uma grande 'estratégia' de sobrevivência e permanência, o que o descendente de imigrantes libaneses Demétrio Habib chama de "uma pequena ONU no Rio de Janeiro".

E essa é a nossa Saara, uma convivência entre árabes, judeus, coreanos, palestinos, brasileiros, portugueses, espanhóis. Hoje, nós temos aqui uma pequena 'Nação Unida'. Aqui no Saara você encontra de tudo, todas as religiões, todos os times de futebol. Só que



Logotipo de loja de família libanesa no Saara. Rio de Janeiro, 1996. Arquivo CIEC/UFRJ.

é expressamente proibido discutir raça, religião e cor.<sup>11</sup>

## A RUA DA ALFÂNDEGA E A 'TURQUIA PEQUENA'

O perfil da atual comunidade do Saara começou a ser traçado em fins do século XIX, quando se identifica a chegada dos primeiros imigrantes de origem síria e libanesa. Eles se estabeleceram nas imediações da praça da República e da rua da Alfândega, que já existia no século XVII com o nome de caminho do Çapuerçu e era a principal rua da região. Essa área era ocupada, simultaneamente, por residências e pelo comércio, abrigados num conjunto arquitetônico originário do século XIX. Havia, ainda, um grande atacado de tecidos e produtos importados de propriedade de imigrantes de origem portuguesa.<sup>12</sup>

As ruas adjacentes, como a Senhor dos Passos, a Buenos Aires — em outros tempos chamada de rua do Hospício —, a avenida Tomé de Sousa, então rua do Núncio, e que hoje tem sua continuação chamada de República do Líbano, também faziam parte do que ficaria conhecido como 'Turquia pequena'. Caracterizavam-se pelos sobrados antigos que serviam tanto de moradia para os imigrantes quanto para as atividades econômicas, centradas no comércio de armazéns e de gêneros alimentícios, além das atividades ligadas ao atacado de tecidos — importador e exportador — como cordoarias, caixotarias e depósitos.

No censo de 1906, a freguesia do Sacramento — região que incorporava o que é hoje o Saara — registrava um grande número de estrangeiros recenseados, entre eles os portugueses e os de origem 'síria'; no censo de 1920, é expressiva a presença de imigrantes da 'Turquia-asiática'.

Os primeiros sírios e libaneses começaram a chegar ao Brasil ainda nos anos 70 do século passado. Todas as estatísticas a seu respeito são imprecisas, pois foram registrados como turcos, turco-árabes, sírios ou libaneses... Knowlton apurou contingentes modestos e irregulares até por volta de 1895; daí em diante o fluxo imigratório se adensou para, a partir de 1903, crescer ininterruptamente até as vésperas da Primeira Guerra. O ano de 1913 registrou a chegada de 11.101 imigrantes. Nos anos 20 o movimento foi revitalizado com um contingente ao redor de 5 mil entradas anuais. A partir de então, a depressão e o sistema de cotas adotado pelo governo brasileiro colocaram o movimento imigratório em níveis baixos.<sup>13</sup>

Os imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Rio de Janeiro, no final do século XIX, eram, na maioria, rapazes solteiros, cristãos, de cidades pequenas e de aldeias agrícolas. Vieram de regiões que faziam parte do território da Grande Síria, que estava sob a dominação turco-muçulmana do Império Otomano. No Líbano, os conflitos religiosos entre católicos e drusos — seita derivada de uma

dissidência islâmica — eram intensos, assim como na Síria que, no final do século passado, presenciava conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos.<sup>14</sup> Em ambos os países, a desigualdade social e religiosa e o intervencionismo turco-otomano, que dominou a região até o final da Primeira Guerra Mundial, levaram à emigração, que foi bastante expressiva no final do século XIX e início do XX. Na América do Sul, além da Argentina e do Uruguai, o Brasil recebe esses imi-

grantes que, logo, são apelidados genericamente de 'turcos', como pode ser conferido pelo depoimento de Demétrio Habib ao Projeto Memória do Saara:

Papai nasceu em Beirute, capital do Líbano, e por ser cristão-ortodoxo e para fugir da perseguição otomana, ele veio para o Brasil. Em boa hora, pois esse é um país maravilhoso. Então vem no seu passaporte: local de nascimento: Beirute; nacionalidade: síria; passaporte: turco. Daí nós sermos chama-



Imigrantes armênios no Rio de Janeiro. Década de 1930. Arquivo particular.

dos de 'turcos'. *A priori* era uma pretensa nacionalidade... depois passou a ser pejorativo.

Sabiam pouco do Brasil: as notícias chegavam por cartas que contavam as maravilhas do país e despertavam a curiosidade e o desejo da imigração. Muitos, no entanto, imbuídos de um espírito aventureiro, sonhavam em 'fazer a América', prosperar e retornar ao país de origem. De uma forma geral, adaptaram-se facilmente, e, apesar de originários de regiões agrícolas, estabeleceram-se nos centros urbanos e dedicaram-se às atividades comerciais. Os recém-chegados instalavam-se próximos uns aos outros, o que permitia a criação de um núcleo de imigrantes de uma mesma origem, muitos oriundos de uma mesma cidade e de uma mesma família.

Trabalhavam com afinco e procuravam conseguir recursos para iniciar um negócio próprio, como foi o caso da família de imigrantes armênios Paboudjian, que chegou ao Rio de Janeiro em 1926:

Houve um massacre de armênios pela Turquia... meus pais [fugiram para] o Líbano... O destino deles era o Uruguai, mas chegando aqui no cais do porto do Rio de Janeiro houve um problema com a saúde pública... um problema na vista e não podiam seguir viagem. Meu pai começou torrando amendoim, ele torrava, a minha mãe ensacava e eu vendia na porta do Campo de Santana. Depois ele comprou uma banca de cigarros e começou a vender na rua da Alfândega, na esquina de Tomé de Sousa. Já estava

numa situação melhor e aí surgiu um sobrado... montamos um depósito de meias. E aí começou a nossa vida.

A maioria, no entanto, iniciou a vida como vendedor ambulante — atividade que, no Rio de Janeiro do final do século passado, era desempenhada pelos imigrantes portugueses e, posteriormente, pelos italianos. A ajuda inicial para adquirir mercadorias era muito importante, e o primeiro crédito na loja de um patrício correspondia a um voto de confiança ao recém-chegado. Vendiam cortes de fazenda, artigos de armarinho e colchas, e eram conhecidos como mascates. Alguns foram trabalhar como representantes comerciais em firmas atacadistas e viajaram para o interior do estado do Rio, Bahia e Minas Gerais, oferecendo tecidos e miudezas.

Na década de 1920, o Brasil é o país que mais recebe imigrantes libaneses. No Rio de Janeiro, um grande número estabeleceu-se na rua da Alfândega — 'rua dos Turcos' — ou no chamado 'bairro árabe', com trajetórias semelhantes à do imigrante Wadih Bedran, de Zahle, no Líbano:

Meu pai era agricultor... nozes, amêndoas, uva, figo para consumo. A minha mãe veio para o Brasil... veio morar na praça da República.

Ele tinha que tomar conta da terra lá e ela veio com os parentes dele. Veio para ganhar dinheiro, vender na rua... a profissão aqui, para todos os libaneses.

Eu vim depois e comecei a trabalhar na mesma coisa que ela...

As perseguições religiosas e as dificuldades econômicas em suas terras de origem também trazem os judeus à rua da Alfândega.

O fluxo da imigração judaica para o Brasil foi, de certa forma, irregular e dependeu de fatores vários, como as perseguições religiosas em seus países de origem e a convocação dos jovens para um serviço militar abusivo. Antes da Primeira Guerra Mundial, os judeus chegaram ao Rio de Janeiro impulsionados por problemas econômicos e perseguições anti-semitas, além de atraídos pelo sonho de ir para a 'América'. Na década de 1920, muitos imigrantes judeus chegaram ao país, o que se deve também ao fato de estarem em vigor as leis restritivas à sua entrada nos Estados Unidos e na Argentina, países preferidos por muitos deles. A maioria entra pelo porto da cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, que já possuía uma comunidade judaica estruturada, com sociedades beneficentes, sinagogas e organizações de auxílio aos imigrantes.<sup>15</sup>

O depoimento de Ibrahim Belaciano atesta a trajetória de uma família judaica, da cidade de Sidon, no Líbano:

Meus irmãos já estavam no Brasil há muito tempo. Nos anos de 1920, 1925, 1930, todo mundo saía do Líbano porque era um campo pequeno. Era moda vir para a América, 'fazer a América', diziam que aqui tinha ouro no chão.

Também em 1910, 1911, 1912, vinham muitos, fugindo do militarismo. A Turquia mandava a rapaziada servir o exército, eles não queriam servir o exército turco. E todo mundo quando tinha 14, 15 anos vinha para o Brasil. Meu primeiro irmão, Eliahu, veio em 1926. No navio dele vinham mais quarenta famílias. O segundo, chama-se José, chegou em 1928 e começou a trabalhar como vendedor ambulante. Em 1929, chegou o outro, Aslam, que veio com 13 anos para se juntar aos irmãos.<sup>16</sup>

Os imigrantes judeus *sefaradim* reconheciam, na rua da Alfândega e cercanias, uma região de *similaridades*. Mesmo sendo muito religiosos e tradicionalistas, adaptaram-se com facilidade à cidade e iniciaram suas vidas profissionais como vendedores ambulantes ou como pequenos comerciantes do ramo de tecidos. As famílias eram numerosas e a comunidade muito unida. Criaram mais afinidades com os brasileiros e com os comerciantes árabes vizinhos — com quem se comunicavam em árabe ou francês — do que com os judeus *ashkenazim*, estabelecidos na praça Onze e que falavam o ídiche. Os judeus poloneses, romenos, lituanos e russos, de origem *ashkenazita*, em geral, eram artesãos — sapateiros, alfaiates, marceneiros — e, no início, sem poderem exercer seus ofícios, foram trabalhar como *klienteltshik* — 'cliente-la', 'prestamista'. Venderam, também, cortes de fazenda e roupas de cama e mesa, mas, posteriormente, passaram a

comercializar artigos menores, mais leves, como relógios, jóias e guarda-chuvas.<sup>17</sup>

Os mascates sírios e libaneses e os *klienteltshik* (prestamistas judeus)

têm em comum o fato de serem vendedores ambulantes, de carregarem a mercadoria consigo e, sobretudo, preencherem a função de circuladores de bens econômicos e de difundir padrões e ideais urbanos... a diferença entre eles reside no espaço físico-geográfico da ação econômica.

Os prestamistas atuavam nos subúrbios e bairros da cidade; os mascates, além dos subúrbios e periferias, iam à zona rural e às áreas fora do estado.<sup>18</sup>

O imigrante judeu libanês Elias Belassiano testemunhou:

A gente carregava embrulho que tinha vinte, trinta peças de fazenda cada uma de três metros e oferecia... era tricoline, seda, a maioria inglesa. Eu comprava nos atacadistas da rua da Alfândega... comprava em dinheiro e vendia a prazo. Era assim que a gente trabalhava. Na Saúde, na Sacadura Cabral, na favela, no morro da Providência... A freguesa pedia terno, a gente mandava fazer na alfaiataria; anel, que o filho ia virar doutor? A gente comprava; anel para professora? A gente ia na joalheria e mandava fazer. Comprava anel com estrela por um preço e vendia mais caro porque ela ia pagar à prestação. Até dormitório para casa a gente vendia. Ia na casa de mó-

veis, comprava e vendia à prestação para o cliente.

Os imigrantes ocuparam a região de uma forma 'intuitiva e espontânea' e ali reproduziram um espaço de moradia e trabalho próprios de seus países de origem. Criaram uma 'organização espacial de natureza étnica' manifestada na forma de comercializar, na estética e na própria seleção dos bens oferecidos. Os restaurantes árabes, os cafés onde os imigrantes se reuniam, jogavam gamão, fumavam o narguilé e tocavam o alaúde, as lojas de especiarias com os nomes escritos em caracteres árabes, da direita para a esquerda, imprimiam ao local suas marcas étnicas. Sob uma "forte vontade de preservação da sua identidade", os imigrantes fizeram "do espaço do Saara uma verdadeira ilha árabe em pleno centro do Rio".<sup>19</sup>

Os imigrantes sírios e libaneses, apesar das diferenças regionais e religiosas, criaram clubes, organizações beneficentes e instituições religiosas. O clube Sírio Libanês foi fundado em um sobrado na rua da Alfândega e a Sociedade Cedro do Líbano, que funcionava na rua Senhor dos Passos, era considerada uma 'sociedade patriótica libanesa'. Fundaram também a Missão Libanesa Maronita que deu origem à construção da Igreja Maronita no Rio de Janeiro. Em 1941, nascia o Senhor dos Passos Futebol Clube que, além de time de futebol, realizava bailes, o concurso Miss Senhor dos Passos e organizava eventos ligados ao carnaval e outras fes-

tas brasileiras. O carnaval era muito comemorado na região, que possuía casas tradicionais de artigos carnavalescos, como a Turuna.

Nas décadas de 1940 e 1950, o centro da cidade sofreu modificações urbanísticas que atingiram a rua da Alfândega e suas adjacências. Paralelamente, o declínio do comércio atacadista na região, em função das transformações econômicas no país, também modificou radicalmente o local, que se tornou uma área exclusivamente comercial. A introdução do varejo e a modificação da indústria da moda e do comércio trouxeram um movimento novo e diferente ao Saara, popularizando-o.

A construção da avenida Presidente Vargas transferiu muitas famílias de imigrantes para outros bairros da cidade, entre eles a Tijuca, que "lembrava o Líbano por seu clima e montanhas", fato este que aconteceu com a família de Isaac Nigri:

Eram duas ruas: do lado de lá, São Pedro, e do lado de cá, General Câmara, que ia desembocar na praça Onze. Getúlio Vargas abriu isso tudo... em 1940 demoliu tudo aquilo, então as famílias que moravam ali tiveram que sair. Foram pra Tijuca. Então a nossa família, a nossa comunidade, vamos dizer assim, ela começou a ir pra Tijuca. Um foi, o outro foi... e novamente nos juntamos... Em 1949 nos mudamos.

No final da década de 1950, a região viu-

se mais uma vez ameaçada pela execução de um antigo projeto urbanístico de construção da avenida Diagonal, que passaria sobre grandes trechos das ruas Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires. Os comerciantes mobilizaram-se contra o projeto, utilizando como principal argumento que a região era um grande centro arrecadador de impostos para o então estado da Guanabara. A entrevista com um dos membros da primeira diretoria da SAARA revela como aconteceu:

Tinha aquele problema também de urbanização do centro da cidade.

Modernização, construção da via elevada que passaria por dentro do Saara e acabaria com o Saara, dividiria o Saara.

Viria da Lapa até a Central do Brasil. Cortaria a nossa, a nossa Saara.

Havia uma ação de despejo... pra demolir os prédios. Então, fortificou-se mais a associação em defesa dos comerciantes.

Esse projeto não foi avante porque Carlos Lacerda veio aqui à região administrativa na rua Tomé de Sousa e, ouvindo os comerciantes, na época, ... sentou, pegou o documento, assinou, anulou e acabou.

A Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega - SAARA é fundada neste contexto de mobilização dos comerciantes que resistiam às mudanças impostas pelo poder público e que lutavam por permanecerem na região. A primei-

ra diretoria da Sociedade era majoritariamente composta por imigrantes de origem árabe e por seus descendentes. Seus depoimentos apontaram para a coincidência da sigla que, apesar de estar "ligada à entidade comercial, permite a um grupo étnico se reconhecer neste espaço".<sup>20</sup>

De forma bastante criativa, os comerciantes apropriaram-se de uma imagem dos países árabes no Ocidente e criaram, então, o marketing do lugar.

No final da década de 1950, chegaram os imigrantes da China Continental e na década de 1960, os chineses de Taiwan (Formosa), introduzindo novos ramos de comércio, artigos para presentes e festas. São muitas vezes confundidos com os coreanos que vieram mais recente-

mente e que trabalham, basicamente, com a confecção de roupas baratas.<sup>21</sup>

A peculiaridade do espaço Saara configura-se pela permanência, até os dias de hoje, não apenas de seu conjunto arquitetônico, mas, sobretudo, da multiplicidade de etnias e culturas que ali convivem por quase um século.

Os filhos e netos dos imigrantes sírios e libaneses — católicos e judeus — embora imprimam ao Saara uma nova marca, conservam aquela identidade trazida e mantida por seus ascendentes. Assim, eles preservaram a memória do Saara.

No artigo "A invasão chinesa no Saara", *Jornal do Brasil*, em setembro de 1996, o filho de um imigrante libanês acentua a importância da manutenção dessa iden-



Imigrante libanês no interior de uma loja de roupas no Saara. Rio de Janeiro, 1996. Arquivo CIEC/UFRJ.

tidade para que o Saara permaneça imutável em sua forma original: "... mesmo se um dia ficarmos em minoria, a Saara

será sempre dos imigrantes árabes e judeus. Nosso nome e a maneira de fazer se perpetuarão".

## N O T A S

1. A sigla SAARA corresponde à Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, criada em 1962 por um grupo de comerciantes estabelecidos entre o quadrilátero formado pela avenida Presidente Vargas, praça da República (Campo de Santana), rua Buenos Aires e rua dos Andradas, e as transversais av. Tomé de Sousa, ruas Regente Feijó e Gonçalves Ledo, av. Passos e rua da Conceição. O texto tratará como Saara o espaço geográfico que respeita os limites da administração da Sociedade e a forma que, popularmente, este trecho da área central do Rio ficou conhecido.
2. A história da imigração para o Rio de Janeiro é um assunto pouco explorado. Os trabalhos dos brasilianistas Clark Knowlton, *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*, São Paulo, Anhembi, 1960, e Jeff Lesser, *Pawns of powerful: Jewish immigration to Brazil, 1904-1945*, New York University, Ph.D. dissertation, 1989, são pioneiros e servem de referência sobre o tema.
3. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coords.), *Usos & abusos da história oral*, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. xiv-xv.
4. Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 36.
5. Em outubro de 1996 realizou-se, como um dos produtos finais do projeto, uma exposição no Espaço Cultural dos Correios intitulada "Do tropical inglês ao *blue jeans* — exposição sobre a memória do Saara" que revelou a riqueza cultural e histórica dessa região. Através de

objetos, fotos e documentos contou-se a trajetória dos imigrantes que ali se estabeleceram, além de vários aspectos do lugar, das ruas, de seu comércio e cotidiano.

6. Roberto da Matta, *Relativizando: uma introdução à antropologia social*, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 48.
7. O termo 'árabe' é utilizado, no texto, para se referir aos imigrantes de origem síria e libanesa, de religião cristã e muçulmana, sem considerar o significado da identidade árabe para cada um destes grupos.
8. Susane Workman (coord.), *Heranças e lembranças: imigrantes judeus no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ARI/CIEC/MIS, 1991, pp. 318-327.

Em hebraico *ashkenazim* significa 'os judeus oriundos de Ashkenaz'. A denominação é aplicada àqueles que seguem a tradição originária desta região e que se dispersaram através dos tempos pela Europa Central e Oriental. O termo hebraico *sefaradim* significa natural de Sefarad. Hoje em dia, a denominação é usada em relação aos judeus pertencentes às comunidades orientais do Norte da África, Oriente Médio e Mediterrâneo.

9. Consultar Kathleen Neils Cozen et al., "The invention of ethnicity: a perspective from the USA", *Journal of American Ethnic History*, Fall 1992, p. 5.
10. Giralda Seyferth, "Etnicidade e grupo étnico", em Benedito Silva (coord.), *Dicionário de ciências sociais da Fundação Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, Instituto de Documentação, 1986, pp. 436-437, 530-532.
11. Depoimento de Demétrio Habib, filho de imigrante libanês estabelecido comercialmente no Saara. Ver Annabella Blyth, *Cristalização espacial e identidade cultural: uma abordagem da herança urbana (o Saara na área central da cidade do Rio de Janeiro)*, dissertação de mestrado, Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991, v. 2, p. 124.
12. Antônio Pedro Alcântara (coord.), *Estudo arquitetônico do Saara*, Rio de Janeiro, Banerj/Fundação Roberto Marinho, s.d., 5 vols.
13. Osvaldo M. S. Truzzi, *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*, São Paulo, Editora Sumaré/FAPESP; Brasília, CNPq, 1991, pp. 7-8.

Sobre imigração árabe para o Brasil, ver também Clark S. Knowlton, op. cit.; Tanus J. Bastani, *O Líbano e os libaneses no Brasil*, Rio de Janeiro, Est. de Artes Gráficas, 1945; Jorge Safady, *A imigração árabe no Brasil*, São Paulo, tese de doutorado apresentada à FFLCH da USP, 1972; Taufik Kurban, *Os sírios e libaneses no Brasil*, São Paulo, Impressora Paulista Ltda., 1933; Berliet Júnior, *O romance de um imigrante: vida e obra de Gabriel Habib*, Rio de Janeiro, 1988, s.n.t.

14. Osvaldo M. S. Truzzi, op.cit., p. 12.
15. Jeff H. Lesser, op. cit.
16. Depoimento de Ibrahim Belaciano, imigrante judeu libanês que foi proprietário de loja no Saara. Susane Workman, op.cit., pp. 49-50.
17. Sobre os judeus *ashkenazim* no Rio de Janeiro, na década de 1930, ver Samuel Malamud, *Recordando a praça Onze*, Rio de Janeiro, Kosmos Ed., 1988.  
Sobre os judeus *sefaradim* no Rio de Janeiro quase não há literatura especializada.
18. Helena Lewin, "A economia errante". Comunicação apresentada no seminário "O olhar judaico, perspectivas na cultura brasileira", promovido pela CIEC/UFPRJ, entre 30 de agosto e 1º de setembro de 1989, pp. 6-7. Ver também Jeff Lesser, *Judeus são turcos que vendem à crédito: a visão da elite brasileira sobre judeus e árabes, 1930-1945*, s.n.t.
19. Mohammed Elhajji, *Espaços da etnicidade: estudo desenvolvido no contexto do projeto Memória do Saara*, Rio de Janeiro, 1994, digitado, pp. 123-124.
20. Mohammed Elhajji, op. cit., p. 130. "Os responsáveis pela criação da entidade jurídica e associativa SAARA sempre tentaram convencer que foi um puro acaso se uma tal denominação lembra o deserto e, por consequência, um conjunto de clichês e estereótipos relativos à imagem dos países árabes no imaginário ocidental... Porém, essa argumentação é realmente pouco plausível, já que até a formulação do nome fica pelo menos sintaticamente errada", pois o que deveria ser Sociedade dos Amigos da Rua da Alfândega e Adjacências - SARAA passou a ser Sociedade dos Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega - SAARA, p. 134.
21. Sobre a imigração chinesa para o Brasil ver Juan Hung Hui, *Chinos en América*, Colección América, Crisol de Pueblos, Madrid, Editorial MAPFRE, 1992, pp. 127-131, 144 e 255; e Pedro Paulo Lomba, "A floresta dos chineses", *Jornal do Brasil*, 13.12.1995.

# A B S T R A C T

This article focuses the 'Saara', a traditional commercial space in downtown Rio de Janeiro, and shows its ethnic heterogeneity and peculiarity in the context of the city. Based on the memories of Syrian and Lebanese immigrants, established at the end of the 19<sup>th</sup> century, it describes the construction of a particular cultural identity.

# R É S U M É

Cet article a pour but l'étude du 'Saara', une région traditionnelle de commerce au centre de la ville du Rio de Janeiro. Il dévoile son hétérogénéité ethnique et ses spécificités dans le contexte de cette région. Prenant en considération les mémoires des immigrants Syriens et Libanaises, établis à cette ville vers la fin du XIX<sup>ème</sup> siècle, il décrit la construction d'une identité culturelle particulière.